



Judith Teixeira e a poética da luxúria

Judith Teixeira and the poetic of lust

Suilei Monteiro Giavara¹

Resumo: A intenção deste texto é olhar alguns poemas de Judith Teixeira segundo a concepção do que foi a esquecida literatura de Sodoma, da qual também participaram Antonio Botto e Raul Leal. Dentro desta mesma perspectiva, a poética judithiana, esquecida durante muito tempo pela intelectualidade portuguesa, pode ser entendida como vanguarda, pois, dentro de uma vertente modernista, rompe com um modelo de poesia produzida por mulheres até então em Portugal.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, poesia, Judith Teixeira, gênero.

Abstract: This text intends to look throw some Judith Teixeira poems according to the conception of what was the forgotten Sodoma literature, which were also inserted António Botto e Raul Leal. Within this perspective, the judithiana poetic, lost long ago by the Portuguese intellectuality, can be understood as vanguardist, since, inside a modernist feature, breaks up with a poetry model produced by women until than in Portugal.

Keywords: Portuguese Literature, poetry, Judith Teixeira, gender.

Em abril de 1917, Almada Negreiros realiza, às cinco da tarde no então Teatro República - hoje São Luiz -, a "I Conferência Futurista" que, como intento principal, pretendia apresentar as bases do Movimento Futurista em Portugal. A sessão deu-se, embora com um público bastante reduzido, em três partes, mais especificamente, sintetizadas nas três leituras realizadas: *O Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX*, de autoria do organizador; *o Manifesto Futurista da Luxúria*, de 1913, da dançarina e poetisa Valentine de Saint-Point; *Music-Hall*, de 1913, e *Tuons le Clair de Lune*, de 1909, ambos de Marinetti.

Do evento, surgiu a revista *Portugal Futurista*, cujo único número, publicado em novembro do mesmo ano, trazia a lume os referidos textos e outros e assegurava, no texto introdutório, o intento messiânico de educar as jovens gerações para aprender a ser "livre e feliz" por "iniciativa própria" e para compreender a "colossal diferença entre servilismo e disciplina!". (*Portugal Futurista*, 1917, p.2)

Dentro da iniciativa vanguardista de Almada, que abalou as bases da ortodoxia mental portuguesa, importa ressaltar o *Manifesto da Luxúria* que, apesar da influência

¹ Doutoranda da Unesp – Campus de Assis. Bolsista Fapesp.

francesa que já se podia notar na sociedade dos anos 20, configurou-se um assombro, pois a mentalidade coeva não alcançou as concepções pouco convencionais acerca da luxúria apresentadas por Saint-Point, preferindo manter seus hábitos e costumes, bem como suas ideias, sob o bolor costumeiro.

Segundo Fernando Cabral Martins, na apresentação dos escritos de Valentine, a bailarina ressalta "[...] a *luxúria* como conceito-síntese entre enlouquecimento e inteligência, uma espécie de sublimação do corpo e do desejo em actuação poética; [...]" (MARTINS, In SAINT-POINT, 2009, p. 5).

Tal visada foi uma inovação no tratamento dado até então ao conceito de luxúria, uma vez que o afastava da moral cristã na qual é condenado como um dos sete pecados capitais, para colocá-lo como uma força vital, criativa, que impele o ser humano para o "dinamismo da vida" bem como para a criação.

Nas palavras de Valentine,

a luxúria é a expressão dum ser projectado para lá de si mesmo; é a alegria dolorosa de uma carne consumada, a dor alegre de uma eclosão; é a união carnal, sejam quais forem os segredos que unificam os seres; é a síntese sensorial e sensual dum ser para a máxima libertação do seu espírito; é a comunicação de uma parte da humanidade com toda a sensualidade da terra; é o abalo de uma parte da terra. (SAINT-POINT, 2009, p. 35)

O trecho sugere a luxúria como a força motriz da transcendência do Ser, logo é algo sobrenatural, distante da carnalidade e, portanto, divina. Tal concepção contraria a doutrina cristã, uma vez que a Igreja aceita a relação carnal apenas no matrimônio com o fim único da procriação.

Tal posicionamento *avantgard* em relação a um assunto tabu como a sexo, principalmente numa sociedade em que a igreja estivera ligada oficialmente ao Estado até 1911², foi muito além de defender a luxúria como um modo de vida, propondo que, através desse ato - a satisfação plena da carne - o espírito também pode ser purificado porque acede a um patamar superior de interação com a natureza e, assim, a luxúria "refina o espírito", pois "de uma carne sã e forte purificada pela carícia, o espírito brota

² Separação da Igreja e do Estado em Portugal (I República). In: Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consult. 2012-12-06]. Disponível em www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$separacao-da-igreja-e-do-estado-em-portugal](http://www.infopedia.pt/$separacao-da-igreja-e-do-estado-em-portugal)>.

lúcido e claro." (Idem, p. 39) Obviamente, tais "blasfêmias" soaram como um impudor aos olhos da conturbada Lisboa, culminando na apreensão da revista em que fora publicado.

O modo de ver a vida nada convencional da escritora - seja em relação ao amor seja em relação à arte - e as descobertas freudianas sobre a sexualidade configuraram um cenário propício ao surgimento de uma literatura provocativa e de teor erótico desviante, que tem em *Canções*, de Antonio Botto, talvez o seu expoente mais polêmico. A primeira edição, surgida nas montras na primeira quinzena de abril de 1921, escandalizou a muitos, uma vez que os exemplares vinham "embrulhados em papel almasso", juntamente com uma foto dele "nusinho até aos ombros e de olhos em alvo." (*A Capital*, 18 de abr. de 1921, p.1) Ao longo do referido artigo, assinado por Armando Ferreira, Antonio Botto e sua obra são colocados como uma ameaça à juventude, como vemos no trecho a seguir citado:

Imagine-se o efeito produzido pelo livrinho, [...] quando cair nas mãos duma donzela acostumada a debruçar-se sobre as montras das livrarias! Imagine-se principalmente o perigo dos rapazinhos, jovens poetas, que se aproximem desta vate

Que, aí, morre

Com um perfume no ar!

Gerações idas! Ó tempos! Esfregue os olhos a ler de novo a defeza da "Morte de D. João" em que os poetas sentimentalistas os que cantam trezentas meninas num livro de duzentas páginas, eram apontados por Guerra Junqueiro como perniciosos à sociedade! Mas, com mil bardos, ao menos batiam-se com mulheres. (*A Capital*, 18/04/1921, p.1)

A "ultrajante" atitude de Botto, somada ao seu confesso homossexualismo, resultou em uma polêmica travada no meio midiático entre os seus defensores e seus algozes: o primeiro foi Fernando Pessoa, que no texto *Antonio Botto e o ideal estético em Portugal*,³ sai em defesa de Botto, afirmando ser este um verdadeiro esteta helênico, não só pela percepção refinada da beleza que sobressai dos seus versos, mas também pela capacidade de cantá-la "sem preocupação ética", (p. 99) daí que é guiado por este instinto para onde quer ele se encontre. Ao escrito pessoano, seguiu-se uma réplica de

³ O texto saiu no nº 3 da referida revista, no mês de julho de 1922. No entanto, neste trabalho, usamos a edição organizada por Aníbal Fernandes. (LEAL, 2010)

Álvaro Maia⁴, intitulada *Literatura de Sodoma, O Sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal* que no próprio título sugere o fim que *Canções* deveria ter e assenta-se em uma argumentação moralista de cunho religioso no objetivo de depreciar os argumentos pessoais e detratar a obra e o homem Antonio Botto ao afirmar que:

nas líricas tão prezadas pelo Sr. Pessoa (tão banais como arte, como realização plástica, santo Deus!) o que nos surge a cada passo são as apologias homossexuais do autor; culto da Beleza, como expressão de harmonia não existe nele porque, para ser lógico e absolutamente helênico, teria de pôr em igual plano a beleza feminina." (p. 69)

Raul Leal, indignado com o fato de Fernando Pessoa, no número seguinte da *Revista Contemporânea*, limitar-se a apontar uma incorreção numa citação feita por Maia, escreve, sob o pseudônimo de Henoch⁵, *Sodoma divinizada*. Leves reflexões Teometafísicas sobre um artigo, texto em que, nos moldes poucos educados de Maia, reafirma o ponto de vista de Pessoa e sacraliza a luxúria como uma criação divina, de acordo com o que é possível ver no excerto abaixo:

A propósito da bela individualidade de Antonio Botto, o Sr. Maia ataca a luxúria e a pederastia, Obras divinas. Incapaz de sentir os prazeres altíssimos da Carne-Espírito que o Verbo consagrou, ataca-os numa forma vil e tola. Como a razão herética, filha da Serpente e de Anticristo, contraria o desejo da carne divinizada que é uma expressão de loucura bestialmente espiritual a negar a Razão, sacrílega anti-Loucura, anti-Vertigem, o sr. Maia, esquecendo-se de que o racionalismo é filho dos últimos séculos de heresia e livre exame, enaltece-o encomiasticamente só para

⁴ O referido texto foi publicado em primeira mão no número 4 da *Revista Contemporânea*, mas também utilizamos a mesma edição citada na nota anterior.

⁵ Enoque é o nome de uma personagem bíblica bastante intrigante, pois teria "andado com Deus" e Este se agradou dele de tal forma que o "tomou para Si" e, por isso, aquele não teria experimentado a morte. De acordo com o gnosticismo o profeta bíblico é, na verdade, o "Arcanjo Metraton", ser diretamente abaixo do Absoluto e que possui "Luz pura, Sabedoria pura, Misericórdia pura e Vida pura". Durante a primavera, essa força enoqueana, pode ser relacionada ao "instinto de preservação das espécies", tornando-se uma força sagrada que impele para a sexualidade. Disponível em: <<http://www.gnosisonline.org/teologia-gnostica/o-profeta-enoque/>>. Acesso em: 06 de dez. de 2012.

satisfazer a sua bÍlis contra a vertigem luxuriosa na Vida, antítese da Razão." (p. 10)

Em seu escrito, Raul Leal apropria-se da história bíblica da destruição de Sodoma devido à prática pecaminosa da sodomia, para interpretá-la a seu modo, sugerindo a sacralização da pederastia, pois ela é a um ato que "exprime a unidade que devemos restabelecer" com Deus, uma vez que "é no mesmo ser que devemos fundir a pura virilidade e a pura feminilidade." (p. 88) O texto, que a princípio parecia apenas uma defesa de Botto e um ataque ao Sr. Álvaro Maia, transforma-se em uma crítica ao materialismo burguês através da apologia da luxúria e da pederastia como atos sobrenaturais se os praticantes sentirem o "espírito divino" e se afastarem das satisfações meramente terrenas. (p. 88)

Obviamente, as declarações de Leal afrontaram uns certos jovens da Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa que, arautos da moral da família lisboeta, depois de muita manifestação, exigiram a imediata recolha das livrarias de *Canções*, do panfleto de Leal e também de um outro livro de poemas, intitulado *Decadência*, da poetisa Judith Teixeira, sob a legação de que eram "literatura imoral". (*O Século*, 1923)

Exceptuada por Pessoa e Leal da polémica acima descrita, a referida obra de Judith Teixeira exalta a temática da luxúria a partir de uma *verve* decadente associada a um erotismo pouco convencional, o que não era muito frequente na poesia de salão feita por mulheres no começo do século XX.

A escrita judithiana apresenta a luxúria como propulsora do ato criativo, como ela mesma afirma num texto de 1926, chamado *De mim. Conferência em que se explicam as minhas razões sobre a vida, sobre a estética, sobre a moral*, numa clara remissão ao texto de Sant-Point:

Desta minha alta concepção dos processos morais da existência, desta minha singular lealdade de lealdade 'afirmar', nasceu, pois, o desacordo entre mim e a *Maioria*.

A compreensão vulgar chamou-me por isto, é claro, imoral e dissolvente!... E eu, que tenho o meu Credo religioso bem esclarecido na minha consciência, e da Moral a concepção e a razão lúcida do seu sentido, gritei nos meus conceitos de Beleza a grande porção de luxúria que marca, afinal, todas as atitudes fortes dos verdadeiros artistas, as quais se erguem sempre emancipadas dos

preconceitos da época ou da civilização em que vivem." (TEIXEIRA, 1996, p. 205)⁶

Convém ressaltar que esta conferência foi motivada pelo excesso de zelo em torno de *Decadência*, de *Castelo de Sombras* – segundo livro dela lançado em junho de 1923 – e de *Nua. Poemas de Byzâncio* - de maio de 1926 - e, como o próprio título alude, teve como intento "explicar" os senões colocados em torno da temática dos poemas judithianos. No entanto, o texto acabou por se tornar um manifesto, de teor muito similar ao de Valentine e ao de Leal, em favor da luxúria como uma energia espiritual que impele ao processo criador.

De fato, nos três livros de Teixeira, há um predomínio de "imagens bizarras" que a ela própria diz ter sido o seu "agulhão de toda a hora – um agulhão de abelhas de fogo zumbindo diante dos meus olhos deslumbrados!" (p. 207) Tal energia, aliada a uma forte ambiência erótica - por vezes homoerótica - confere aos versos dela uma ambiência inusitado e luxuriante, construído através de motivos muitas vezes prosaicos - como uma escultura ("A Estátua", p.25), o desenho de um chinês na almofada ("O Meu Chinês, p. 26), os próprios cabelos ("Os Meus Cabelos", p. 28), uma planta ("Flores de Cactus", p. 30), a própria imagem refletida no espelho ("Ao espelho", p. 52) e tantos outros que Judith Teixeira transforma pela força criativa da fantasia, esse "perfume sagrado que se evolva da alma dos artistas para envolver certos aspectos da realidade", como ela mesma diz. (p. 208)

Mais do que fantasia, a obra judithiana constrói-se a partir daquilo que Raul Leal exalta em *Sodoma Divinizada*: a capacidade de dissociar o prazer da ética e da moralidade e, portanto, de ser guiado por este sentimento onde quer que ele surja, o que atribui ao espaço circundante a tendência para a erotização e cria inesgotáveis possibilidades de realização do prazer, mas, por outro lado, também gera conflito, porque a efemeridade de tal sentimento implica logo no surgimento de outro.

Nesta perspectiva, obedecendo a uma tendência judithiana, o olhar é dotado de um poder singular, porque é a via pela qual o objeto comum é capturado e transformado em objeto de luxúria, configurando uma experiência pan-erótica muito típica da poética judithiana.

Desde de Platão o olhar já era relacionado com o desejo erótico pela capacidade que tem de evidenciar o belo. Assim, quando experimentado sem culpa, pode ser motivo

⁶ Todas as referências às obras de Judith Teixeira foram retiradas do volume constante na bibliografia, portanto, a partir daqui serão mencionadas apenas as páginas onde se encontram.

de felicidade, contudo, nem sempre isso ocorre, pois muitas vezes se torna um catalisador de desejos proibidos que o sujeito que olha preferiria manter escondidos nos espaços mais recônditos.

Juan Nasio diz que há duas distinções necessárias sobre o conceito de olhar: "o olhar enquanto *ato perceptivo* de fixar" e o olhar "enquanto satisfação do ato" (NÁSIO, 1995, p.15). Na história bíblica da condenação de Sodoma, foi o olhar que fez com que a mulher de Ló fosse transformada em estátua de sal, foi por este ato que ela acionou o seu desejo, lembrou de sua história, não o olhar da primeira definição dada por Nasio, mas aquele que implica o desejo de retornar ao universo de prazer.

Mais do que isso, muitas vezes o objeto apreendido pelo olhar passa a ser parte do próprio sujeito que, a partir daquele, define a sua identidade. Assim, tal experiência, nos versos judithianos, é o mote para a apresentação de um sujeito poético dúbio, como fica evidente em "A Outra" (p.45) – "A Outra, a tarada, / aquela que vive em mim, / que ninguém viu nem conhece,". Outras vezes, ele também pode chegar ao ápice do sensualismo, mas também ser vítima de uma tragédia interior devido à submissão irreversível ao próprio desejo, como muito bem exemplifica o poema "O anão de máscara verde" (p. 32), citado a seguir.

As árvores seculares

do meu jardim,

em murmúrios de segredo –

falam de mim,

riscando no horizonte

longas figuras de medo...

O silêncio fala

balançando os esguios esqueletos

das árvores desgrenhadas!

Apagaram-se as velas perfumadas

do lampadário da minha sala...

As aves em voos inquietos

passam caladas!...

.....

Infinitamente só,

As horas vão adormecendo...

.....

Estranha visão!

Do espelho para mim,

vem deslizando

lívido de luar

um fulvo Anão, de máscara verde

vestido de arlequim...

As mãos a suplicar,

num gesto que se perde...

Nos olhos cintilantes, infernais,

Eu leio confissões rudes, brutais!

- Estende os braços revestidos de oiro...

E as suas mãos esguias

Vêm desprender o meu cabelo loiro!...

Álgida madrugada de luar...

Infernal tentação!	As vestes de cetim.
Eu não posso desfrutar...
A boca rubra e incendiada	Olho ainda o espelho
Do meu Anão!	pálida e cansada...
	E já longe,
Quero fugir a este inferno!	iluminado de luar
- Os olhos dele...	álgido e frio,
Um abismo sem fim!	o meu Anão de olhar sombrio,
Um labirinto!...	lá está
- E o meu cabelo a arder	a contar
Nas mãos do arlequim! –	o meu segredo
Não! Não!	num murmúrio sem fim,
	às árvores do Medo
Foi um desejo apenas	do meu jardim!
E que eu desminto!	<i>Inverno – Meia Noite</i>
E rasgo-lhe com fúria	1922

O cenário construído por Judith Teixeira nestes versos apresenta um universo estranho, do qual surge um ser mitológico, cujo poder exercido sobre o eu lírico é obsedante, não oferecendo a este a possibilidade de escapar da hipnose que o arrebatava. O estado de semi-torpor, propício ao surgimento de imagens psíquicas inusitadas, é ainda agravado pelo aspecto hostil da natureza circundante - repleta de "árvores seculares", cujos "esguios esqueletos" são balançados pelo vento, de "velas perfumadas" e de "aves em voos inquietos" – conferindo ao silêncio uma retórica inquietante, na medida em que traduz a angústia do instante vivido.

A liberdade do verso livre e a frouxidão nas rimas parecem atribuir certa leveza ao poema acima, contudo, o que temos é uma imagem complexa em que a mente, suspensa entre a realidade e o sonho, esbate-se contra a "estranha visão" que apavora – "Quero fugir a este inferno!" – mas também fascina, criando uma feérica alquimia com o habitante das zonas sombrias – "Infernal tentação!".

Na mitologia nórdica, os anões são seres que possuem a habilidade de penetrar o "mundo subterrâneo" e, por isso, possuem conotações fálicas. Podem também "simboliza[r] as forças obscuras que existem em nós e que facilmente têm aparências monstruosas", vinculam-se às "manifestações incontroladas do inconsciente" ou ligam-se também à "imagem dos desejos pervertidos" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1997, p.

73). Dentro de tal perspectiva, podem sugerir as taras reprimidas pelo senso comum que, na obra judithiana, são colocadas em evidência, como já foi dito neste texto, muitas vezes, através de um pujante pan-erotismo e de uma sensibilidade erótica raras vezes vista na literatura produzida por mulheres em Portugal.

Convém ainda lembrar, que neste caso, o anão vem “vestido de arlequim”, personagem que na *Commedia Dell’Arte* forma o triângulo amoroso juntamente com Colombina e Pierrot. No entanto, ele simboliza a parte destrutiva, porque desperta uma paixão arrebatadora, mas efêmera e, por isso, geradora de sentimentos contra os quais o eu lírico luta inutilmente para se desvencilhar: “Não! Não! / Foi um desejo apenas”.

Tais características, somadas à impotência do eu lírico diante do impulso sexual, confere ao texto uma ambiência em que coexistem sentimentos contraditórios como o prazer e a dor. A partir de uma perspectiva masoquista - aliás muito comum na poética judithiana – o sujeito poético é, então, vítima e algoz de si mesmo, porque não pode deixar de se submeter ao seu instinto libidinal.

Enfim, para terminar, convém lembrar que a interdição da sexualidade sempre foi imposta pela civilização, mas nem por isso, ela deixou de habitar a mente humana e Judith Teixeira soube se aproveitar disso, mostrando que não era alheia às inovações de seu tempo e evidenciando nos seus versos, como diz Vitor Silva Tavares:

[...] uma tão veemente afirmação do primado dos sentidos, uma tal exegese da sensualidade, uma tal *carnealidade*, já fonte dos prazeres espirituais os mais ilícitos, que isso sim, lhe confere força e autenticidade únicas na literatura que então se escrevia [...] (TAVARES, In TEIXEIRA, 1996, p. 15)

Bibliografia

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.

HAMILTON, E. *A Mitologia*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

Introdução. *Portugal Futurista*. Lisboa: v. 1, n.1, 1917.

LEAL, R. *Sodoma divinizada*. Aníbal Fernandes (Org.) Lisboa: Guimarães. 2010.

Literatura imoral. *O Século*. Lisboa: 06 de mar. de 1923, col.1, p. 4.

NASIO, J. D. *O olhar em psicanálise*. Vera Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1995.

O livro da Senhora D. Antonia. *A Capital*, 18 de abr. de 1921, p.1

SAINT-POINT, Valentine de. *Manifesto da mulher futurista, manifesto futurista da luxúria*.
Fernando Cabral Martins (Pref.). Lisboa: Edições Culturais do Subterrâneo Ltda. 2009.
TAVARES, V. S. Prefácio. In: TEIXEIRA, Judith. *Poemas*. Lisboa: & Etc, 1996. p.p 11-7.
TEIXEIRA, J. *Poemas*. Lisboa: & Etc, 1996.